

HISTÓRIAS QUE RESSOAM EM NÓS: UMA RESENHA AFETIVA

Janaína Damaceno *

Resenha de SANTHIAGO, Ricardo. **Solistas dissonantes: história (oral) de cantoras negras**. São Paulo: Letra e Voz, 2009.



Alaíde Costa e o piano presenteado por Vinícius de Moraes. Foto de João Correia Filho.

Li o livro de Ricardo Santiago tendo como trilha sonora cada uma de suas 13 entrevistadas. Iniciei a leitura por Alaíde Costa obedecendo a uma memória afetiva bastante forte: o fato de ainda criança lembrar das capas dos seus LPs entre os discos de minha mãe. Eliana Pittman, também entrevistada por Santiago, era outra que habitava essa coleção. Rosa Marya Colin, cantou o tema da campanha de verão da C&A em 1988 (*California Dreamin'*), num momento que muita gente ligava a televisão mais para ver a criativa publicidade brasileira que

* Doutoranda em Antropologia Social/ USP

os programas de TV. Aquela foi a música do meu verão e um dos meus comerciais prediletos.

Solistas dissonantes me despertou diversas memórias de vozes que marcaram minha infância e adolescência. Mas de algumas só agora pude desvendar nomes e rostos. Adyel Silva e Misty fizeram parte do meu imaginário por décadas sem que eu sequer soubesse seus nomes. Ainda nos anos 1980, a primeira deu voz à campanha da *New Jeeneration (I feel good)* e a última à abertura da minha novela preferida *Kananga do Japão* (1989), com a música *Minha* de Rui Guerra.

Essas vozes que eu já conhecia, imitava e admirava durante minha adolescência, essas vozes jamais nomeadas, fizeram com que a leitura de cada uma das entrevistas de Santhiago me levassem a recordações e descobertas a que não pude ter acesso naquele momento (acessar à informação não era tão fácil quanto hoje). Não gostaria que fosse assim. Queria que o seu livro fosse completamente desnecessário. Gostaria de ter conhecido a cor dessas histórias há 20 anos atrás, na fase em que buscava referências de mulheres negras para além dos estereótipos. Mas tenho que agradecer ao autor, porque possivelmente se o livro não fosse escrito por ele, talvez não o fosse por ninguém em nenhum outro tempo.

O trabalho é uma adaptação da dissertação de mestrado “Entre a harmonia e a dissonância: história oral de vida de cantoras negras brasileiras”, defendida por Ricardo Santhiago no programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo, em 2009. Trata-se de entrevistas com 13 cantoras negras brasileiras que vivem nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. No livro há um delicado prefácio escrito por Cida Moreira e o posfácio de Heloísa Duarte Valente. Na introdução e na conclusão Santhiago nos mostra seu percurso teórico e como ele tratou as histórias de vida das entrevistadas a partir da metodologia da história oral. No início de cada capítulo há uma breve introdução do contexto de realização das entrevistas.

As histórias de Adyel Silva, Alaíde Costa, Arícia Mess, Áurea Martins, Eliana Pittman, Graça Cunha, Ivete Souza, Izzy Gordon, Leila Maria, Misty, Rosa Marya Colin, Virgínia Rosa e Zezé Motta são fantásticas. E, de certo modo, ler ouvindo e (re)conhecendo o talento de cada uma dessas mulheres pode ser uma experiência bastante sensível, um modo de dar materialidade às histórias que estamos

ouvindo. Elas expõem a importância da família em sua formação musical, o preconceito racial no cotidiano e no campo de trabalho, principalmente das gravadoras e de produtores musicais, as barreiras estabelecidas quando isso é somado à condição financeira, o desejo de sair pelo mundo com sua música para terem reconhecimento e o compromisso de viver sem amargura. Narram também a religiosidade, as histórias com os amigos e alguns amores, alguns difíceis de serem vividos, muitas vezes devido à cor. O livro conta ainda com fotografias muito bem escolhidas do arquivo pessoal das cantoras e também de fotos realizadas a pedido do autor. Nelas temos retratadas desde a infância de Adyel e Izzy, fotos de adolescência de Áurea, Eliana e Zezé, muitas fotos de performance durante apresentações e algo que chama a atenção: a diversidade da estética negra. Com cabelos afro, tranças, relaxamentos, alisamentos ou carecas, o quanto elas são, cada uma a seu modo, muito bonitas. Também são tema de conversa as viagens realizadas, riqueza e pobreza, o piano presente na casa de algumas, o piano ausente, o piano trauma, o piano comprado em várias prestações, tudo é narrado de um modo muito cúmplice com o autor e isso é fruto de seu competente trabalho.

Contudo, a parte introdutória do livro suscita algumas questões. Embora o mote inicial seja bom - há uma representação estereotipada da cantora negra como sambista, que impede sua entrada em outros estilos musicais e dificulta a sua vida profissional -, o desenvolvimento da argumentação, por vezes, falha. Vejamos, o autor afirma que sempre houve uma participação de negros no mundo musical "branco" e para mostrar essa inserção apresenta músicos negros como Domingos Caldas Barbosa, filho de pai branco português e mãe negra angolana, como um exemplo de artista que "compunha modinhas sem nenhum componente afro" (p.22) e, portanto, que pertenceria ao mundo musical não negro. Mas do que se trata esse componente afro? De conteúdo? De estrutura? É importante dizer que Domingos não só introduziu a modinha, mas também era um divulgador do lundu, gênero popular oriundo das tradições de matriz africana, como mostra José Ramos Tinhorão em *Domingos Caldas Barbosa. O poeta da viola, da modinha e do lundu (1740 -1800)*.

Santhiago acabou delimitando fronteiras muito rígidas entre o que seria o mundo musical negro e o mundo musical branco na experiência artística dessas pessoas. Como definir, por exemplo, "Onde mora o segredo", último CD de Arícia Mess, para quem a "arte é uma oferenda" e dedica seu trabalho "às divindades

femininas, às índias e negras que habitaram nosso país continental e que entregaram suas vidas em décadas de escravidão e dor?”

O uso constante dos termos “raça” e “sangue” (negro) também incomoda. Para quem condena uma “perspectiva racalista” que mantém “nos limites do resíduo carnavalesco tantas mulheres que exigem mais que samba, alegria e exotismo” (p.19), o uso desses termos não fica muito distante dessa mesma perspectiva.

Ele segue argumentando que para além dos entraves do mundo artístico musical, somente em aparência menos preconceituoso com os negros, que restringe sua presença nos campos da produção e difusão da música, a dificuldade para se erigir uma imagem de cantora negra não-sambista se encontraria também no fato de parte da comunidade negra ter adotado o samba como seu gênero musical por excelência, numa atitude de engajamento e militância política. Sobre essa ideia de militância o autor faz, ainda, uma afirmação bastante polêmica ao comentar que essas cantoras erigiram “um novo lugar de fala que desobriga qualquer um a “dar-lhes a voz”, herança de uma militância que cosmetizada em ativismo, contradiz-se na defesa desnecessária do protagonismo”. (p.22). Será mesmo que a defesa do protagonismo ainda é tão desnecessária? Seu livro mostra justamente o contrário.

A predileção por uma resistência sem mágoas - “Resistentes, não tem a marca da resistência: sua conotação política é discreta” (p.27) -, com o não agir como vítimas mas como sujeitos (p.21), a simpatia pelo que chama de discricção política de suas entrevistadas ou pela depuração, “sutileza, silêncio e nuance” de Alaíde Costa, às vezes incomoda, pois parece que o próprio autor tem uma imagem do negro como barulhento demais, ritmado demais, militante demais, para quem faltaria certo apuro ou sofisticação que ele encontrou justamente nessas personagens. Segundo ele, elas “fazem mais que samba”, refletindo o mesmo arrojo de negros que pertencem ao “primeiro escalão de governos” ou “ao corpo diretivo de grandes empresas” (p.19). Para ele, essas mulheres querem mais que “samba, alegria e exotismo”. Porém, em suas falas mesmo o exotismo é aceito desde que elas tenham reconhecimento profissional. Em certo momento, uma delas diz preferir ter uma carreira no exterior onde seja vista como exótica, mas reconhecida, que permanecer exótica aqui, mas sem reconhecimento. Não cantar sambas também não as exime de uma relação militante. Ao menos duas já participaram do movimento negro e, para a maioria, o próprio ato de destoar seria uma forma de militância, nem sempre discreta como sugere Santhiago. Veja-se, por exemplo, a atuação política de Zezé Motta.

Mas isso parece partir de um desentendimento teórico. Eu gosto de citar a autora norte-americana Patrícia Hill-Collins (2000), para quem apenas contrapondo o cotidiano de mulheres negras com as imagens estereotipadas que se faz delas é que teremos a oportunidade de enxergar o quanto elas dissoam dessas imagens de controle. Ricardo faz isso e talvez obtivesse o mesmo resultado se entrevistasse sambistas, pois veria que elas são sujeitos e não estereótipos. Uma pessoa não é um estereótipo, mas uma integridade. Estereótipo faz parte de um regime de representação que limita, fixa e essencializa o entendimento sobre determinados sujeitos, como diria Stuart Hall (1997). Portanto, não é do samba que elas dissoam, mas de um sistema de representação sobrecarregado de imagens que limitam o entendimento acerca do que é ser negro no Brasil.

Mas essas críticas não desabonam o seu livro, que é um achado para aqueles que se interessam por música, por uma visão não estereotipada de mundo, e desejam conhecer mais da obra e da vida dessas mulheres que podem ser dissonantes na profissão, mas cujas histórias ressoam em todos nós. *Solistas dissonantes* é um livro para ser lido e ouvido.

Bibliografia

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** New York: Routledge, 2000.

Dicionário Cravo Albin. Disponível em:

<<http://www.dicionariompb.com.br/domingos-caldas-barbosa/biografia>>. Acesso

em: 28 nov. 2010.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices.** London: Sage, 1997.

TINHORÃO, José Ramos. **Domingos Caldas Barbosa. O poeta da viola, da modinha e do lundu (1740 -1800).** São Paulo: Editora 34, 2004.

Para ouvir

Adyel Silva

<http://www.myspace.com/adyellsilva>

Alaíde Costa

<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/alaide-costa>

Arícia Mess

<http://www.myspace.com/ariciames>

Áurea Martins

<http://www.myspace.com/aureamartins>

Eliana Pittman

<http://www.elianapittman.com.br>

Graça Cunha

<http://www.myspace.com/gracacunha>

Ivete Souza

<http://www.myspace.com/ivetesouza>

Izzy Gordon

<http://www.myspace.com/izzygordon>

Leila Maria

<http://www.myspace.com/leilamariacostapinto>

Misty

<http://www.mistysinger.blogspot.com>

Rosa Marya Colin

<http://www.rosamaryacolin.com/>

Virgínia Rosa

<http://www2.uol.com.br/virginiarosa/>

Zezé Motta

<http://zezemottaascantrizes.blogspot.com/>

Para ver e ouvir

California Dreaming. Rosa Maria

http://www.youtube.com/watch?v=0_wKsybPwsM

I feel good. Adyel Silva

<http://www.youtube.com/watch?v=67JuQxcNZnA>

Minha. Misty

http://www.youtube.com/watch?v=_1YVeFe85ZU